

INCLUSÃO: DOCÊNCIA E APRENDIZAGEM NA ESCOLA

Maura Corcini LOPES⁷

⁷Doutora e Mestre em Educação pela UFRGS; Graduada e Especialista em Educação Especial pela UFSM. Trabalha na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), onde é Decana da Escola de Humanidades e atua como docente no Programa de Pós-Graduação em Educação. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão (GEPI/UNISINOS/CNPq) e a Rede Internacional de Investigação em Inclusão, Aprendizagem e Tecnologia em Educação (RIIATE). É pesquisadora produtividade de pesquisa do CNPq.

E-mail: maurac@terra.com.br

A partir de dados de pesquisa que reuniu 57 narrativas docentes sobre experiências pedagógicas, produzidas em distintos estados brasileiros, de documentos oficiais (inter)nacionais que orientam o campo educacional e da leitura dos clássicos da educação, propõe-se problematizar os temas da inclusão e da aprendizagem a partir do entendimento de *enquadramento* de Judith Butler (2018). A autora nos desafia a pensar a temática da inclusão a partir de uma grade de inteligibilidade neoliberal, a qual sustenta e atualiza uma cultura de desigualdade sobre a qual as práticas inclusivas são determinadas e orquestradas pelas políticas de Estado. Ainda, considerando a prática metodológica do *enquadramento*, torna-se possível problematizar a emergência do conceito de aprendizagem no campo da educação e da pedagogia. Ao cruzar elementos que determinam a matriz da desigualdade, sobre a qual estamos todos posicionados, com as práticas de inclusão e a aprendizagem, problematiza-se as condições para o viver e aprender juntos na escola. Ainda, problematiza-se a escola como um espaço vivo de *produção, circulação e consolidação* de conhecimentos

pedagógicos e de aprendizagem. Além dos elementos que foram apontados para um refinamento da abordagem das práticas pedagógicas, propõe-se o uso do conceito de *artesanía*, conforme desenvolvido por RichardtSennett (2009), para caracterizar um *modus-operandi* pedagógico na escola, visando o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos. Para o autor, o artesão é aquele que ao partir dos saberes técnicos articulados aos saberes da experiência, possui condições de esculpir uma obra com originalidade. Fazendo uma analogia entre o trabalho do artesão em sua oficina e o trabalho docente na escola, entende-se que a experiência pedagógica cotidiana, somada aos conhecimentos técnico-científicos, podem ser matéria prima para a própria formação continuada do professor, promovida no espaço da escola. Conduzir os professores a pensarem, registrarem, sistematizarem e problematizarem as suas experiências, fazendo-os recorrerem aos conhecimentos adquiridos e a pesquisarem o que já existe sobre o que se interessam, é um dos passos para que oficinas formativas pedagógicas sejam criadas nas escolas. As experiências pedagógicas mobilizadas em uma ambiência de artesanía e de construção coletiva de conhecimentos, podem auxiliar os professores a sistematizarem e a registrarem os acontecimentos escolares. Enfim, pelos desafios provocados pelas práticas da inclusão e da aprendizagem, propõe-se abordar a condição humana de (auto)condução e de deixar-se conduzir pelo outro, bem como de transformar a condução em objeto de pensamento, como ponto de partida do que tem-se de *círculo formativo pedagógico* (LOPES, 2017).

Palavras-chave: Inclusão. Docência. Aprendizagem.

Referências

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**. Quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.